

## Vocabulário Português & Latino de Rafael Bluteau: aspectos da estrutura e da definição lexicográfica

Maria Filomena Gonçalves  
Universidade de Évora

1. Nos séculos XVII e XVIII assiste-se à transição da lexicografia latina para a produção em língua vernácula (Verdelho, 1994). A essa mudança estava subjacente o intento de documentar, investigar e conservar as línguas românicas sob a forma de catálogo alfabético (Mülhschlegel, 2000: 423). Embora o **Vocabulário Português e Latino** (8 vols. 1712-1721; suplemento, 1727-1728) de D. Rafael Bluteau<sup>1</sup> não seja ainda um dicionário monolíngue, ele incorporava fenómenos da variação linguística do português, além de integrar abundante informação extra-linguística, assumindo por isso uma feição enciclopédica. Como o próprio lexicógrafo clarificou no Prólogo<sup>2</sup> (Gonçalves, 2002) do suplemento, este formato, extravasando o âmbito do “dicionário de palavras”, caracteriza o “dicionário de coisas”.

Com cinquenta e sete adjectivos arrolados alfabeticamente, em jeito de domínios terminológicos, o pendor enciclopédico da obra do Padre teatino fica anunciado logo no seu frontispício. Três dos referidos epítetos relacionam-se com o reino vegetal: *botânico*, *florífero* e *frutífero*. Além de denotarem o objectivo de compilação dos conhecimentos e das técnicas respeitantes a variados campos do saber científico e empírico da época, quando associados ao adjectivo *brasílico*, também contemplado no mencionado subtítulo do **Vocabulário**, os adjectivos “botânico, florífero e frutífero” traduzem a atenção dada por Bluteau às realidades “exóticas”, até então omitidas, ou raramente incluídas nas obras lexicográficas, mesmo nas estrangeiras (Hoepner, 2001: 148-152). A tal ponto a componente técnica e científica é expressiva que o **Vocabulário Português e Latino** é o primeiro dicionário de “terminologias” especializadas em Portugal (Verdelho, 1998).

O levantamento sistemático feito em 4 dos 8 volumes da obra confirmou aquilo que o epíteto “brasílico” indiciava: o reconhecimento da identidade do léxico

---

<sup>1</sup> Este padre teatino nasceu em Londres, no ano de 1638, de pais franceses com o apelido Chevalier. Mas tarde virá a adoptar o apelido do Lorde Blutaw, que havia acolhido a família (Mülhschlegel, 2002: 145). Na época de formação passa pelo Colégio de La Flèche, em Paris, e pelo Colégio dos Jesuítas, em Clermont. Frequentou as Universidades de Verona, Roma e Paris. Ingressa na ordem dos teatinos em 1661. Chega a Portugal em 1668, retirando-se para França entre 1697 a 1704. De regresso a Portugal, durante dez anos fica recluso no Mosteiro de Alcobaça, onde concluiu o **Vocabulário**. Morre em Lisboa a 13 de Fevereiro de 1734.

<sup>2</sup> O autor apresenta vários textos prefaciais relevantes para a reconstituição do ideário linguístico do autor e da sua prática. Cf. Hassler, 1997.

brasileiro, traduzido na abundância de lexemas relacionados com a botânica. Este facto é tanto mais relevante quanto sabemos ser este o primeiro dicionário em que o léxico português é confrontado com o latino de forma sistemática (Verdelho, 1994). A amostra aqui apresentada permitirá, por um lado, identificar os tipos de estrutura e de definição lexicográfica referentes àquele domínio, e, por outro lado, verificar quais as fontes explícitas e implícitas de Bluteau.

2. Antes de mais, saliente-se que em relatos escritos no século XVI e, sobretudo, no século XVII, os portugueses, e também outros europeus, haviam começado a descrever a natureza exótica de paragens americanas, designando as realidades da fauna e da flora a partir da forma local e procurando equivalentes nas línguas europeias. Um dos primeiros autores a fazer um levantamento de designações próprias de referentes brasileiros foi Pêro de Magalhães de Gândavo, na *Historia da Provincia de Vera Cruz*, publicada em 1576. Ao de Gândavo, seguir-se-iam muitos outros, cujos relatos proporcionam definições de verdadeira “lexicografia implícita”, dado que os procedimentos descritivos se assemelham em tudo à técnica da definição e enunciado lexicográficos, excepto no que tange à ordem alfabética.

Assim sendo, a inclusão de denominações próprias do domínio *botânico*, *florifero* e *fructifero*, no **Vocabulário**, deriva mais do facto de terem sido recolhidas num dicionário de português-latim do que propriamente pela novidade absoluta que elas pudessem constituir nas primeiras décadas de Setecentos, visto já circularem em muitos relatos de viagem, em cartas de missionários, etc. A novidade residirá, por conseguinte, em lhes ter sido atribuído, pese embora a origem indígena, um estatuto idêntico ao das palavras genuinamente portuguesas. Esta integração de numerosas palavras de origem americana, bem como de procedência africana ou asiática, à qual poderá chamar-se “lexicalização” ou “nacionalização”, operou-se quer via da adopção das formas locais, adaptadas fónica e graficamente à língua portuguesa, quer por via de um jogo de aproximações com o “género próximo”.

O adjectivo “enciclopédico” não raro se associa à quantidade da informação disponibilizada, o que no caso do **Vocabulário** corresponderá não só à extensão de muitas das entradas como também à sua estrutura, de que são exemplo “mandioca” e “pau” (brasil e outros tipos de árvore da mesma espécie e respectiva madeira). Com efeito, um *definiendum* desconhecido da maioria dos europeus requer mais uma “descrição” do que a simples definição, pois se esta bastava para o chamado léxico comum (pau com o significado de lenho, por exemplo), já o mesmo se não observava quanto a lexemas para os quais não existia equivalente em português. No entanto, a extensão e a natureza extra-linguística não são as únicas marca identificadoras da definição enciclopédica. De facto, o enunciado enciclopédico apresenta as seguintes marcas distintivas: 1. Enunciado definitório autónomo; 2. Descrição do *definiendum*, contendo a sua finalidade ou utilidade instrumental ou social, com indicação das características físicas; 3. Finalidade anunciada por expressões fixas; 4. Discurso explicativo (Bessé, 1990, *passim*). Ora os exemplos abaixo confirmam que as definições de Bluteau preenchem os requisitos da prática enciclopédica.

Vejam-se os exemplos de “caju”, “mandioca”, “manga” ou “mangue”, em cujas definições o enunciado lexicográfico contém descrições sensoriais, baseadas na forma, cor, cheiro, sabor e tacto de referentes conhecidos:

**Ananás:** “he da feição de huma pinha de Portugal; o gosto, & o cheiro a modo de maracotão” (...) suas folhas são semelhantes às pencas das da erva babosa

**Cajazeiro:** “da hūs frutos, como grandes Ameixas reinoes, verdes, & amarelos”.

**Jaca:** “Dá hum fruto comprido, mayor que Abobara”; “sua carne se divide em casinhas cheas de huma especie de castanhas, alguma cousa mayores, & mais compridas, que tamaras, & todas cercadas de huma carne amarella, & viscosa, que se parece com a do Durião, & quando madura he muy gostosa”.

Os exemplos também ilustram que a finalidade se inscreve na descrição material ou física do *definiendum*, sendo expressa como se de uma verdadeira propriedade se tratasse (Bessé, 1990: 253). No *Vocabulário*, Bluteau reúne, portanto, a perspectiva do “dicionário de palavras” e a do “dicionário de coisas”, consubstanciadas hoje em dois pontos de vista distintos, a saber: o semasiológico, adoptado na lexicografia propriamente dita, e o onomasiológico, aplicado na terminografia. Com efeito, nos enunciados relativos a estes referentes exóticos é dada prioridade à informação extra-linguística, vale dizer, ao referente. Em geral, a estrutura das entradas apresenta uma definição genérica (1), seguida de definições específicas, que assumem a natureza da descrição pormenorizada das características ou propriedades físicas (2) e da utilidade (3).

**1) Definição genérica:**

planta, árvore, fruto, raiz (cf. exemplos).

**2) Expressões de descrição comparativa:**

é género de, é uma espécie de, é da feição de, é como, é quase como, parece-se com, é do feitio de, a modo de, com semelhança a, é do tamanho de, tem a cor de, tem o sabor de, é da grossura de (cf. exemplos).

**3) Expressões referentes à utilidade ou finalidade**

Serve, é usada para, dele(a) usam para, usa dele para, dá para (cf. exemplos).

Atendendo a que a *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*<sup>3</sup> só começará a ser dada à estampa a partir de 1751, o antecedente que Bluteau toma como modelo lexicográfico parece ser o *Dictionnaire Universel* (1690) de Furetière, obra que, tal como o *Vocabulário Portuguez e Latino*, afora o significado e os sinónimos, abona informações de natureza técnica e científica, fazendo uma espécie de síntese do saber em circulação na época. Se a

<sup>3</sup> Esta havia sido antecedida pela *Cyclopaedia*, de D’Ephraim Chambers, publicada em Londres, em 1728, data da vinda a lume do 2º volume do suplemento do *Vocabulário* de Bluteau.

dimensão enciclopédica é um dos aspectos marcantes da estrutura e do valor informativo da obra lexicográfica do teatino, importa perceber quais as fontes em que recolhera essas informações.

No Catálogo, Bluteau indica as obras e os autores mencionados nos enunciados lexicográficos dos oito volumes do **Vocabulário**. Todavia, verifica-se que muitos outros são citados pelo lexicógrafo, sem figurarem no referido elenco. Entre as razões que podem explicar este facto, além da deficiente revisão, poderá colocar-se também a hipótese de omissão voluntária ou intencional dos nomes de autores censurados por serem de origem judaica ou, simplesmente, por serem figuras malquistas na sociedade de então, como poderá ter sido o caso da omissão do nome Garcia de Orta. A menção desses nomes poderia, portanto, voltar-se contra o lexicógrafo. Entre os arrolados no Catálogo e na lista de matérias relacionadas com o Brasil, contam-se os seguintes: Pêro de Magalhães de Gândavo (*Historia da Provincia de Santa Cruz do Brasil*, Lisboa, Antonio Gonçalves, 1576), Simão de Vasconcelos (*Notícias curiosas do Brasil*, Lisboa, João da Costa, 1668), Francisco de Brito Freire (*Historia da guerra brasílica*, Decada I, Lisboa, João Galvão, 1675; *Relação da viagem que fez ao Brasil a armada da Companhia, sendo o ditto Author General*, Lisboa, por Henrique Valente, 1657), Bertolameu Guerreiro, João de Madeiros Correia, Manoel Collado, Rafael de Jesus, Simão Estação da Silveira. Aos anteriores juntam-se outros autores que, sem constarem do referido Catálogo, são citados no **Vocabulário**, sempre que se trata da descrição de realidades brasileiras, no domínio da botânica, como G. Marcgrave (*História Natural do Brasil*), Curtius, Guilherme Pison, Barbuno (*Historia Universal das Plantas*), Maffeo (Scipione Maffei, 1675-1755; *Historia da India*, 1588), etc. Dessas citações, mais ou menos extensas ou completas, temos bom exemplo nas entradas referentes a “mangabeira” e “mangue”.

3. À vista da estrutura e enunciado lexicográficos relativos a realidades brasileiras correspondentes aos epítetos *botânico*, *florífero* e *frutífero*, não é difícil compreender-se a dimensão verdadeiramente enciclopédica da obra de D. Rafael Bluteau, tanto mais que essas entradas se diferenciam por nelas ter prioridade a descrição do referente, vale dizer, informação extra-linguística, ao contrário do que em regra acontece com o dicionário de língua. Afora a terminologia específica, que injecta no léxico português uma componente nova, graças a este procedimento lexicográfico entraram também para o **Vocabulário** informações valiosas do ponto de vista do testemunho histórico. Não será por isso exagero afirmar-se que a definição enciclopédica resulta, por um lado, da acumulação de informação, e, por outro lado, da síntese dos conhecimentos disponíveis na época (Besé, 1990: 253). Com efeito, as aproximações ou comparações estabelecidas nessas descrições traduzem a complexidade do contacto interlinguístico e intercultural vivido no período dos Descobrimentos, aspecto que, habitualmente, na expressão de Bluteau, não cabia no chamado “dicionário de palavras”.

**Referências:**

- BESSÉ, (1990), "La définition terminologique". In: *La définition*, Centre d'étude do lexique, Paris, Larousse.
- GONÇALVES, Maria Filomena (2002): "O "Prólogo" e o "Catálogo de Autores" do *Vocabulário Português e Latino*: as ideias linguísticas de Bluteau no contexto da historiografia da língua portuguesa". In: Massini-Cagliari, Gladis, Murakawa, Clotilde de Almeida Azevedo, Berlinck, rosane de Andrade, Guedes, Marymarcia (Org.) (2002), *Descrição do Português: lingüística histórica e historiografia lingüística*, Araraquara, FCL/Editora Acadêmica, pp. 25- 65.
- (a sair), "As "Autoridades" no *Vocabulário Português e Latino* (1712-1728) de D. Rafael Bluteau". In: *Actas do 7º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*, Brown University, Providence.
- HASSLER, Gerda (1997): "Schprachtheorie und lexicographische Praxis bei Raphael Bluteau (1712-1728)". In: Hassler, Gerda, Storost, Jürgen (eds.) (1997): *Kontinuität und Innovation: Festschrift für Werner Banher*, Münster, Nodus, pp. 107-124.
- HOEPNER, Lutz (2001): "Iluminismo na lexicografia portuguesa (do descobrimento do Brasil ao Vocabulário de Bluteau)". In: Thielemann / Werner (ed.) (2001): *Século XVIII: Século das Luzes – Século de Pombal*, Frankfurt am Main: TFM, pp. 143-169.
- MÜLHSCHEGEL, Ulrike (2000): *Enciclopedia, vocabularia, dictionario: spanische und portugiesisch Lexicographie im 17. Und 18. Jahrhundert*, Frankfurt Am Main: Vervuert, pp. 104-106.
- VERDELHO, Telmo (1994): "Portugiesisch: Lexicografia. In: Holtus, Günther, Metzeltin, Michael, Schmitt, Christian (eds.) (1994), *Lexikon der Romanistischen Linguistik*, vol. 1, Tübingen, Max Niemeyer Verlag, pp. 673-692.
- (1998): "Terminologias na língua portuguesa". In: Cabré, M. Teresa (ed.) (1998), *La Història dels llenguatges iberorromànics d'especialitat (segles XVII-XIX)*, Barcelona, Ed. antártida, pp. 89-131.

## ANEXO

## Exemplo 1 – Ananás

Ananás	<b>Informação prosódica</b>	Ananás
	<b>Definição genérica</b>	Fruto do Brasil
	<b>Descrição por aproximação com referentes conhecidos</b>	He da feição de huma pinha de Portugal; o gosto, & o cheiro a modo de maracotão o mais fino, suas folhas são semelhantes às pencas das da erva babosa. A cabeça do fruto ornou a natureza cõ hum penacho, ou grinalda de cores aprazíveis: esta separada, & entregue à Terra he principio de outro Ananás semelhante, alem de que dentro no mesmo fruto nace semente delle em quantidade.
	<b>Citação sem indicação da fonte</b>	<i>Brasiliae fructus, quem vulgus Ananas appellat.</i>

## Exemplo 2 – Cajazeiro

Cajazeiro	<b>Definição genérica</b>	Planta do Brasil
	<b>Descrição por aproximação com referentes conhecidos e caracterização física</b>	Altissima; da hũs frutos, como grandes Ameixas reinos, verdes, & amarelos
	<b>Autoridade ou fonte</b>	Vasc. Notic. do Brasil, pag. 266.

## Exemplo 3 – Caju

	Informação prosódica	Cajù
	Definição générica	Planta do Brasil
Caju	Utilidade, descrição física, aproximação com referentes conhecidos	Desde a raiz até a última vergõtea tem esta plâta muitas utilidades. O mais toseco do tronco <b>serve de tintas pretas</b> ; o mais interior a modo de camisa dá dá aos cortidores tinta amarela: a madeira do tronco, & braços para carpintaria <b>dá curvas, &amp; liames fortíssimos</b> . Brota em flores <b>de branco vivo sobrosado</b> , com suave fragrancia, & até as folhas <b>tem cheiro aromático</b> . Distilla hum licor christallino, que se congela em goma, da qual os Indios usam para muitos remedios. O fruto desta arvore he hum pequeno pomo feito de dous. ou dous. que fazem hũ, & ambos de diversas especies. Ao primeiro chamão Cajjù; he fruta comprida <u>a modo de pero verdeal, porém maior</u> ; huns sãm amarelos, outros vermelhos, outros tirão a huma, & outra cor, todos succosos, frescos, & doces, quando acesoados. Tirada a castanha do Cajù, que <b>tẽ semelhança de rim de lebre</b> , vão os Indios espremendo às mãos, ou à força de certo genero de prensa, a que chamão <i>Tipiti</i> , & apartado o licor em grandes alguidares, o vão lançando em talhas, onde como em tinas de lagar se serve, & se torna em vinho puro, & generosos, & he o que bebem com mais gosto, & guardão largos tempos em cabaços, para regalo de seus mayores banquetes. Por esta fruta contão os naturaes da terra seus annos; o mesmo he dizer tantos Cajjùs, q tantos annos, & na verdade parte he da felicidade natural desta gente, & por isso sobre esta fruta armão suas mayores guerras.
	Autoridade ou fonte	Vid. Notic. do Brasil do Padre Simão de Vasconcellos. O Padre Maffeo, liv. 2 da sua historia da India, pag. 30. Hhe chama, <i>Cajutium</i> . Barbuno na historia universal das plantas. Tom. 1. Liv. 3. Pag 336. Lhe chama, <i>Cajoum</i> .

## Exemplo 4 – Jacarandá

Jacarandá	Distintas formas	Jacarandá, ou Pao santo
	Definição genérica	Planta do Brasil de duas especies, branca, & negra
	Descrição física, aproximação com referentes conhecidos	O Jacarandá negro, he muito duro, & cheira; dá humas folhas pequenas, pontiagudas, luzidias, & directamête oppostas humas ás outras nos ramos, em que nace[m]o. Entre estas folhas sahe hum flor, de hum só folha, quasi redonda, amarella, & cheirosa. O fruto he de hum figura irregular, pesado, torto, & cheo de hum substancia verde, tirante a branco.
	Utilidade	O Gentio usa dele em lugar de sabaõ; tambem fazem cozer o ditto fruto, & o comem, & chamãolhe na lingua da terra <i>Manipoy</i> .

## Exemplo 5 – Jaca

Jaca	Informação prosódica	Jàca
	Definição genérica	Arvore grande, que se cria no Malabar, & em algumas ilhas da India, & nas margens dos rios.
	Descrição física, aproximação com referentes conhecidos	Dá hum fruto comprido, mayor que Abobara, cuberto de hum casca verde escura toda cercada de bicos, a modo de pontas de diamante, rematadas com huns espinhos verdes, cuja ponta he negra. Sahe este fruto immediatamente do tronco, ou dos ramos mais grossos: he branco por dentro, & sua carne se divide em casinhas cheas de hum especie de castanhas, alguma cousa mayores, & mais compridas, que tamaras, & todas cercadas de hum carne amarella, & viscosa, que se parece com a do Durião, & quando madura he muy gostosa, principalmente a do Jàca, a que chamão Barca; porque o Jàca chamado Papa ou Girasal, tem a carne mais molle, & menos gostosa
	Autoridade ou fonte	Ludovic. Roman. lhe chama <i>Jaceros</i> in <i>Calecut</i> , <i>Durioens</i> , & <i>Jacas</i> , vianda assaz gostosa a quem começa de a gostar. Barros, 3. Decada. Fol. 135. Col4.



## Exemplo 6 – Mandioca

<b>Mandioca</b>	<b>Definição específica aproximação com referentes conhecidos</b>	Raiz como cinoura, ou nabo, que toda a fartura do Brasil
	<b>Descrição física</b>	Produce hum so talo direito da altura de hum homem, ornado de folhas repartidas a modo de estrellas. A flor, & a semente são pequenas. Tem a Mandioca debaixo de si nove especies, a saber, Mandiiba-baará, Mandiibparati, Mandiibuçu, Mandiibumana, Aipiy, Tapecima, Arpipoca, Manajupeba, & Macaxera.
	<b>Utilidade</b>	O modo de preparar a Mandioca he este. Tira-se da terra, raspa-se, lava-se, & depois de ralada, espre-mida, & cozida em alguidares de barro, ou metal, a que os Brasis chamão Vimoyipabá, os Portuguezes, forno, se faz farinha de tres castas, a saber, farinha ralada, que dura dous dias, meyo cozida, que dura seis mezes, & cozida de todo, atè que fique seca, ou torrada, a que tambem chamão, Farinha de guerra, que dura hum anno. Todas as especies de Mandioca crua são peçonhentas aos homens, que as comem, excepto Aipiy Macaxera. Porém, os animaes brutos comem estas raizes cruas sem dano algum; que como não sabem lançalla de molho, assalla, ou cozella, accommodou o Author da natureza as cousas à ecessidade das suas creaturas. Cultiva se a Mandioca como as batatas, fazendoa em bocados que se mettem debaixo do chão, & se fazem muito grosos: a cor he branca, & antes de preparada he para o homem veneno; come-se reduzida em farinha grossa, a modo de polvora; he pesada, & quasi insipida; & causa obstruções a quem não està acostumado a ella. Della se fazem os bolinhos, a que chamão <i>Beijús</i> .

## Exemplo 7 – Manga

	Definição genérica	Fruto da India
Manga	Descrição física, aproximação com referentes conhecidos e utilidade	(...) quasi se parece com os nossos pecegos durazios, ou maracotões. Tem o caroço muito pegado à carne, mas esta he molle, & tem a casca muito liza. Quando são maduras, humas são vermelhas, outras brancas, & algũas sahem verdes. Durão desde Março atè Setembro. Antes de amadurecerem fazem dellas excellentes doces. Conservão-se em vinagre, & dellas fazem os Indios hũa especie de selada. <b>A planta he do tamanho de Nogueira.</b>
	Autoridade ou fonte	(Mangas, são fruto das mangueiras, são absolutamente o melhor pomo da India, & com muita especialidade na Ilha de Goa, Salsete, & Bardes, pelo beneficio da enxertia, porque as mangas dos enxertos excedem muito às outras, & por esta causa juntamente com as diversas qualidades da terra, apparecem algumas vezes novas especies de mangas excellentes. Oriente Conquist. Part. 2. 162)

## Exemplo 8 – Mangabeira

	Definição genérica	Arvore do Brasil
Mangabeira	Descrição física, aproximação com referentes conhecidos	<b>Do tamanho das nossas cerejeiras.</b> Produz hũas flores brancas a modo de Jasmins, & frutos a modo de ameixas grossas, hũas redondas, outras ovadas, que não são boas de comer, senão quando cahem da arvore.
	Autoridade ou fonte	Jorge Marggravo chama a esta arvore, Mangabiba, & Mangaiba (Mangabeira, cujo fruto em suavidade de gosto não concede ventagem a muitos de Europa. O P. Simão de Vasconc. Noticias do Brasil, pag. 264.)

Quadro 9 – Mangue

<b>Mangue ou Mangle</b>	<b>Definição générica</b>	Arvore do Brasil, & Indias Occidentaes, &c.
	<b>Caracterização genérica</b>	He amiga da agua salgada, & por isso nasce nas prayas, vasas, & lugares maritimos.
	<b>Autoridade ou fonte</b>	Guilherme de Pison, diz q há tres especies desta planta
	<b>Descrição por aproximação com referentes conhecidos e suas características físicas</b>	<i>Mangue branco</i> , a q o Gentio do Brasil chama <i>Cereiba</i> ; <b>he da feição de Salgueiro</b> , mas pequeno, & com folhas emparelhadas, & Quando dà o Sol nellas, se vem salpicadas de huns pos <b>muito alvos</b> , procedidos dos vapores do mar, & que o sol desecou, mas em tempo nublado, todo este sal se dissolve, & se converte em orvalho, cada flor he composta de quatro, <b>declinantes a amarello, rayadas de negro no meyo, &amp; com cheiro de mel</b> . A outra especie de Mangue he chamada Ceribuna, & he huma arvoresinha, <b>com folha redonda, &amp; densa, &amp; de hum verde</b> , que alegre; a flor <b>he branca</b> , o fruto <b>do tamanho de huma avelãa</b> , & muito amargoso. A terceira especie he a que os Indios chamão <i>Guaparaiba</i> , ou <i>Guaparumbo</i> , & os Portuguezes Mangue verdadeiro, he muito mayor que os dous primeiros, & he notavel o modo, com que se propaga. Os seus ramos depois de levantados, & estendidos, se dobrão atè o chão, aonde crião raizes, & tornão a pullular, & crescem, & se fazem tamanhos, como o tronco do qual sahirão. As folhas são como de pereira, porém mais compridas, & mais densas: as flores são pequenas, encerradas em humas bainhas compridinhas, & depois de cahidas, sahem humas canas, como de canafistula, mas mais curtas, & da cor escura, & cheas de huma polpa branca, semelhante ao tutano dos ossos, & amargosa. Com a planta a que os Portuguezes chamão Arvore de raiz, tem este Mangue verdadeiro muita semelhança no crescer, & multiplicar dos ramos. Porem em outros particulares se differença, como se verá no seu lugar.
	<b>Remissões</b>	V. raiz
<b>Autoridade portuguesa</b>	(Por entre hum arvoredado de Mangues, que nascião na vasa. Barros 3, Dec. Sol. 124. Col. 4)	

## Exemplo 10- Pau brasil

<b>Pao Brasil</b>	<b>Designação</b>	(...) chamão os Portuguezes à planta, que os naturaes chamão <i>Ibirapitinga</i> .
	<b>Descrição física, aproximação com referentes conhecidos</b>	Tem a casca fusca, armada de pequenos espinhos, ramos, & folhas oppostas humas às outras; & flores a modo de bolotas, mas ocas, & do comprimento de dous dedos. <b>He do tamanho dos nossos carvalhos</b> , & às vezes tão grossos, que tres homens não o podem abraçar. O pao he muito duro, & vermelho, & de sua natureza tão seco, que quando o queymaõ dá pouco fumo. Tinge tanto, que até as suas cinzas misturadas acaso em huma barrela, fizeraõ a roupa tão vermelha, que não foy possível tirar a cor.
	<b>Referente diferente</b>	Tambem chamão Pao Brasil, outra planta, tambem cuberta de espinhos, q tem as folhas <b>quasi da figura do coração</b> , & ramificadas com muytas veas, que do centro até a extremidade vaõ formando varios circulos. Este pao por dentro he muy vermelho, & <b>delle usaõ os Tintureyros</b> , posto que em alguns Reynos he prohibido, porque o vermelho que este pao communica, facilmente evapora, & desvanece. E he para advertir, que todo o licor azedo como çumo de limaõ, vinagre estillado, &c. muda a decocção do pao Brasil em amarello, o oleo de tartaro a faz roxa, & com pedra hume se faz mais vermelha que lacre.
	<b>Designação latina</b>	<i>Brasilicum lignum rubrum, ou lignum Brasilicum, i. Neut. Sem mais nada</i>